

TRADUZINDO TEXTOS JORNALÍSTICOS – REVENDO O PAPEL DA TRADUÇÃO EM SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Silvana POLCHLOPEK*

Resumo: Desde a instituição dos estudos tradutórios como campo de pesquisa acadêmico, há pouco mais de quarenta anos, pesquisas na área de ensino de línguas vem alterando sua perspectiva, antes negativa, para o status de quinta habilidade no processo de ensino/aquisição de LE. Nesse sentido, este artigo objetiva resgatar de forma breve o uso da tradução em algumas metodologias de ensino, discutir argumentos contra e a favor do uso da tradução em sala e propor, através do trabalho com textos jornalísticos à luz a interface tradução-jornalismo, outro papel para a tradução no processo de aprendizagem de línguas, no que diz respeito ao contexto do ensino médio e de graduação em cursos de Letras, comentando algumas implicações pedagógicas a partir de uma atividade prática. Para tanto, utilizamos o conceito da tradução como representação cultural (Zipser, 2002) e a perspectiva teórica do funcionalismo alemão (Nord, 1991) que concebe a tradução como uma ação essencialmente comunicativa.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de línguas; tradução; funcionalismo; jornalismo.

ABSTRACT: Since translation studies have settled down as an academic research area almost forty years ago, foreign language teaching associated with translation theories has altered translation's perspective within the foreign language classroom to the status of a fifth ability. Therefore, these articles aims to restore the role of translation through some teaching methodologies, to discuss its negative and positive statements and propose, through the translation-journalism interface, a different role for translation in which high school and Languages undergraduate educational contexts are concerned, commenting on some pedagogical implications from a practical activity. To accomplish such views, the concept of translation as cultural representation (Zipser, 2002) and the German functionalism theoretical perspective (Nord, 1991), which conceives translation as an essentially communicative activity, are emphasized.

KEYWORDS: language teaching; translation; functionalism; journalism.

1. Introdução

Os últimos quarenta anos têm sido um período bastante representativo para os estudos da tradução quanto ao desenvolvimento de teorias e metodologias de pesquisa. O resultado direto dessa inserção acadêmica incide em novos olhares e objetos de estudo que efetivam e consolidam os estudos tradutórios como um campo independente de pesquisa.

Uma das tendências que vem se firmando neste sentido é a parceria dos estudos da tradução com áreas afins (antropologia; filosofia; ciências da comunicação; sociologia; psicanálise) gerando interfaces de investigação que conferem a tradutologia uma característica multidisciplinar. Criticada por alguns pesquisadores na área tradutológica, a

* Doutoranda em estudos da tradução; Universidade Federal de Santa Catarina. sil-in-sc@uol.com.br

multidisciplinaridade é vista como negativa no sentido de descaracterizar a disciplina com um excesso de entroncamentos teóricos. Todavia, para as reflexões propostas neste artigo, essa tendência é vista como sendo amplamente positiva e produtivo, buscando complementações em áreas contíguas para questões cada vez mais complexas que surgem no campo dos estudos tradutórios. Além do mais, pode-se dizer que a tradução é híbrida por natureza por não ser restrita a produção e re-textualização em uma única área, mas abranger todas. Nesse sentido, a interface tradução jornalismo (ZIPSER, 2002) representa hoje, após sete anos de intensas pesquisas, um ponto de convergência para reflexões que tematizam a questão maior da linguagem e da cultura no ambiente tradutório, ou seja, o papel exercido pela linguagem e pela cultura na construção e na tradução de fatos noticiosos, especialmente estes quando atravessam fronteiras geográficas e culturais. Mediadas por diversas realidades sociais, econômicas, políticas, históricas e culturais, a percepção e a construção de sentido dos fatos possibilita um trabalho de reflexão intercultural em sala de aula de LE, especialmente nos contextos do ensino médio e de graduação, em razão da maturidade emocional e de experiências lingüísticas mais abrangentes dos alunos inseridos nestes níveis.

Nesse sentido, por meio do trabalho de análise e tradução de textos jornalísticos, espera-se desmitificar a aura negativa que insiste em pairar sobre o uso da tradução em sala, demonstrando que os resultados obtidos, através de atividades práticas, favorecem não só uma consciência maior do Outro, cujas especificidades culturais devem ser respeitadas, como também o desenvolvimento e a consciência das diferenças entre as línguas e a consideração do leitor e da construção de sentidos na produção textual. A tradução vai além das suas aplicações pedagógicas; leva o aluno ao encontro do Outro e de si mesmo.

2. A função da tradução nas metodologias de ensino

Ao longo de várias metodologias de ensino, a tradução vem regularmente ocupando um papel secundário e um lugar bem pouco glamoroso. Estranho é pensar que se traduz desde tempos imemoriais e por razões diversas: econômicas; diplomáticas; sociais; literárias; históricas; comerciais; militares; educacionais, todas com um fim em comum: comunicação com outras línguas e culturas. Mas, ao contrário da tendência de se encontrar um inimigo e atribuir a ele a razão de erros e atitudes erradas, não se pode culpar as metodologias de ensino de línguas estrangeiras por um uso equivocado da tradução. Afinal, não se pode usar

corretamente aquilo que não se entende ou não se compreende de fato. Traduzir vai muito além da busca incessante por equivalentes lexicais um-para-um ou por estruturas sintáticas que cheguem a ser quase como um espelho da língua estrangeira. Traduzir, numa perspectiva funcionalista, é considerada relação *sine qua non* entre língua, cultura e construção de sentidos. Traduzir é, em outras palavras, dialogar, comunicar, interagir aproximando-se das reflexões de Bakhtin (2002).

Assim, portanto, ao voltarmos os olhos para as metodologias de ensino, descobrimos facilmente que comunicação e linguagem, enquanto produtoras de significados, não constituem foco principal, talvez porque tais metodologias enfatizassem um objetivo de ensino diferenciado, próximo do contexto de escolas de idiomas no qual se aprende a língua pela língua e no qual, mesmo sendo comunicativo, ainda insiste em princípios de automatização de conteúdo que devem ser transmitidos e absorvidos por professores e alunos dentro de um cronograma previamente organizado. Nesse sentido, a tradução, quando existe, é tradicionalmente tida como ‘pedagógica’, cujo objetivo é verificar ou reforçar a aprendizagem do aluno (CERVO, 2003). Isso significa o uso de textos didáticos para tradução com o objetivo de evitar interferências através de exercícios de contrastividade, de confronto entre as línguas e alcançar um aperfeiçoamento lingüístico através de estratégias cognitivas e comunicativas já desenvolvidas em língua materna. Percebe-se aqui uma ênfase, ainda que implícita, na tradução associada ao código unicamente, sem enfatizar diferenças sócio-históricas e culturais. Outra possibilidade de uso recorrente da tradução em sala de aula é a sua modalidade ‘explicativa’ ou ‘interpretativa’, isto é, a utilização deliberada e consciente da tradução como mecanismo para alcançar o significado do uso de determinado vocabulário, na tentativa de permitir a construção de significados através da compreensão linguística (a palavra em si) e extralingüística (suas situações de uso). Aqui também inserem-se paráfrases de instruções de exercícios ou de conteúdo de diálogos, ou seja, a tirania do sentido intrínseca a atividade tradutória. Uma última situação, ainda resistente em alguns contextos escolares, é o uso da tradução como instrumento de avaliação, inteiramente desprovida de sentido e propósito, visto que defende-se a sua utilização em sala para além dos limites da automatização de estruturas sintáticas e lexicais. Se traduzir não é o objetivo e, sim, a comunicação (oral), empregá-la como instrumento de avaliação é quase que um crime contra um processo tão comunicativo quanto qualquer diálogo face-a-face.

Discutir tradução implica lidar com algumas questões consideradas fundamentais tais como: relações de equivalência, fidelidade textual, competência tradutória, papel do tradutor, estratégias tradutórias; no entanto, a relação entre tradução e linguagem, talvez por ser considerada bastante óbvia, afinal lidamos com palavras, é deixada de lado. Observe-se que o termo ‘palavra’ é visto com um sinônimo de ‘linguagem’ na visão de muitos profissionais, como se para além da palavra não existissem outros fatores a considerar. Nada mais reducionista considerando-se a dimensão da língua ante as suas possibilidades tradutórias e as concepções de língua implícitas nas diversas teorias de tradução. Portanto, apesar de óbvio, pensar a linguagem em sua relação com a tradução se faz necessário antes de situarmos a interface da tradução jornalística.

Atentamos para um detalhe apenas: a contextualização dos métodos se faz muito mais dentro de um cenário de escolas de idiomas, do que para alunos em ambiente de ensino médio e graduação. No método GT empregava-se a tradução unicamente como exercício para leitura e apreciação de textos religiosos e literários e, conseqüentemente, se o aluno estivesse apto a traduzir, considerava-se que tivesse sucesso no aprendizado de línguas. No Método Direto, a tradução era negada integralmente na sua forma oral e escrita. Quando muito a tradução era utilizada apenas como “método de leitura”. No método áudio-lingual, era empregada como forma de análise contrastiva entre línguas de forma que o professor conseguisse detectar e prevenir prováveis erros que os alunos viessem a cometer. Já na Sugestopedia, a prática reapareceu com ênfase no conteúdo e não na forma, ou seja, concentrava-se na tradução do sentido de diálogos a fim de que o aluno compreendesse o que estava acontecendo. No método natural a tradução voltava-se ao que se conhece como tradução explicativa, isto é, podia ser empregada em sala, sem o uso da LM, se os significados fossem transmitidos através de gestos e ações que demonstrassem o que se queria dizer. Ironicamente, a tradução é quase que excluída do método comunicativo, como se não representasse também ela mesma uma comunicação. Nesse sentido, era comum receber instruções para falar unicamente em LE com os alunos em sala. Novamente, se fosse utilizada, seu objetivo era apenas dar instruções pedagógicas e/ou explicações. Ressaltamos que não se trata aqui de criticar o uso da tradução como prática instrumental para o ensino técnico-científico, visto que o propósito, o contexto de uso e os objetivos dos alunos não são direcionados ao aprendizado da língua estrangeira como instrumento de interação dialógica, de acordo com as perspectivas bakhtinianas.

Uma abordagem que se aproxima do que se discute no funcionalismo alemão em tradução, diz respeito à interculturalidade. Nesta abordagem a cultura e o modo como o falante vê e entende a língua e o mundo são meios privilegiados, objetivando a criação de um espaço entre a cultura nativa e estrangeira, cujo contato se dá por competências interculturais. Nesse sentido, a tradução, ainda que não seja denominada como tal, aparece na sua modalidade escrita quando o aluno reconstrói o contexto de produção e recepção do texto da cultura-fonte, aproximando-se do processo de tradução comunicativa proposto por Nord (1991).

O que se vê dentre o uso da tradução, ao longo das metodologias de ensino, é que, apesar de a tradução aparecer em algum momento no contexto do aprendizado da língua, ela o faz de maneira tímida e negativa, secundária, à margem do processo de aquisição/aprendizado e enfatizando unicamente a busca por equivalentes e a diferença entre os códigos. Isto faz parecer que, para além do código não existem outras competências ou instâncias que se deva gerenciar num processo de comunicação supostamente linear e isento, sem a influência de qualquer outro item. Por essa razão, talvez, a imagem que a tradução cria nos falantes é a de uma prática que desconsidera produção de sentidos e a própria língua como mecanismo gerador desses sentidos.

Basta o domínio do código para se traduzir bem. Isso se reflete nos conceitos que os leitores, muitos clientes e “tradutores” eles mesmos, têm da atividade tradutória. No ano de 2009, como resultado de uma pesquisa acadêmica informal, foram aplicados questionários para cerca de 80 pessoas que já tinham solicitado algum tipo de tradução (oral ou escrita e com diversas modalidades textuais). Para estas pessoas, o conceito de tradução gira em torno de: “versão de um língua para outra”; “dizer algo em outra língua”; “arte da dedução”; “passagem da informação de uma língua para outra”. Poucos se arriscam a dizer que tradução envolve uma “forma de manter a comunicação” e que pode ser “reescrita; retextualização”. Nestas duas últimas falas pressupõe-se uma tradução que, ao menos, não se coloca como isenta; admite-se a possibilidade (inevitável) da intervenção do tradutor no processo tradutório, ou seja, no processo de re-textualização, de reescrita do texto-referente para a cultura destinatária. Indício revelador de que existe um algo a mais num processo que, antes, se pensava como sendo linear.

Dessa pesquisa foi possível também detectar algumas palavras empregadas como sinônimo de “tradução”, tais como: “transcrição; transposição; passagem; conversão; transferência; decodificação; reprodução; transformação; transmissão”, inseridas numa prática sempre voltada a uma “forma correta; clara; coerente; transparente; isenta; preservando o sentido; com a mesma idéia”. Possivelmente os respondentes devem ter sido formados por alguma das metodologias citadas, fato igualmente mencionado por Königs (apud NORD, 1991, p.141) quando afirma que “translation learners have all been foreign-language students first”. Não surpreende, portanto, o fato de os argumentos contra o uso de tradução em sala de aula (ROMANELLI, 2006) estarem todos vinculados a concepções equivocadas de língua, cultura, prática tradutória e, logicamente, do papel da tradução no contexto do ensino de línguas, conforme sustenta também Nord (1991, p.141).

Dentre os argumentos contra apresentados em Lado (1964) e Malmkjaer (1998), diz-se que a tradução: i) não substitui a prática lingüística, pois não há possibilidade de equivalências lexicais entre as LÊs; ii) confunde os alunos ao produzir interferência lingüística da LM na aquisição/aprendizagem da língua em estudo; iii) que a língua estrangeira se aprende de forma natural e não traduzindo; iv) que não se aprende LE traduzindo mentalmente; v) que traduzir não é uma habilidade a mais; vi) que não é instrumento de avaliação “eficiente” porque toma o tempo que poderia ser usado para a prática efetiva da língua em estudo e vii) que só é útil para se treinar tradutores e não falantes de línguas.

Deve-se observar, no entanto, que nenhum teórico de tradução, ensino de línguas ou lingüística jamais cogitou a hipótese da tradução substituir a prática lingüística, até porque este não é o seu objetivo, seja na modalidade escrita ou oral. Nem tampouco se pensou na tradução como instrumento de eficácia de avaliação dessa prática. Ao desconsiderá-la como processo reflexivo sobre a língua e a cultura estrangeiras, desconsidera-se seu papel maior de produtora de sentidos. O uso da tradução em sala de aula é inevitável nos meses iniciais de estudo da língua e, caso venha a produzir interferências no aprendizado, provavelmente deve-se à utilização demasiada ou desproposital pelo professor. Tradução é também uma atividade tão natural quanto à fala. Ampliando o conceito para além dos limites do texto, traduzimos pensamentos para um texto ou para slides num congresso ou para uma mesa redonda, traduzimos fatos ao narrá-los para outra pessoa; traduzimos discursos (SOBRAL, 2008, p.8-

10) ao re-escrever um texto de uma área técnica, por exemplo, de modo que o leitor final construa significados a partir das informações que recebe. Tradução também se aprende e se desenvolve mentalmente no caso da interpretação consecutiva ou simultânea e, portanto, se constitui como uma habilidade a mais além das já conhecidas escuta, fala, leitura e escrita. E, como tal, pode ser empregada em sala para benefício dos alunos que, eventualmente, podem utilizar a tradução em seus ambientes de trabalho.

Ao se desconstruir esses mitos, é possível vislumbrar argumentos favoráveis (COSTA, 1988; POPOVIC, 2001; ATKINSON, 1993; CERVO, 2003; CHECCHIA, 2002) ao emprego de atividades de tradução em sala de forma a ampliar o seu entendimento e oxigenar as relações instauradas entre o ensino de LE e a prática de tradução como processos que convivem harmoniosamente desde que sejam estabelecidos - e compartilhados com os alunos - propósitos específicos de trabalho. Segundo Radmila Popovic, doutora em linguística e pesquisadora sobre a relação entre tradução e ensino de línguas, a pior forma de se começar é distribuir um texto ao grupo e dizer “traduzam”:

Translation is a serious business which requires careful preparation both on the part of the teacher and the learner. Distributing a text and telling your students “translate” is not a very good way to start. Carefully graded preparatory activities are necessary, and they can be integrated in reading, listening and writing activities, and also in vocabulary and grammar practice. (...) The teacher should ensure that these tasks are done as pair or group work. The purpose of this is to give the learners a chance to discuss, test and compare their ideas. (POPOVIC, 2001, p.3)

Conforme sugere a autora, a atividade de tradução (assim como todas as outras desenvolvidas em sala) deve ter um propósito claro, direcionado porque é uma atividade que demanda tempo de leitura e análise a fim de que resulte num efeito positivo sobre o grupo.

Nesse sentido, é possível ressaltar muitos pontos a favor da tradução como, por exemplo, o fato de resultar num caminho de reflexão sobre aspectos culturais, funcionais e pragmáticos da língua; de exercer um papel importante na competência inter-linguística, ou seja, o ato de pensar comparativamente e adquirir consciência das diferenças existentes entre as línguas; de estar associada a competências comunicativas, pragmáticas e discursivas, no aprendizado da LE e aprimorar o processo de aquisição linguístico; de estimular e motivar o aprendizado da língua em estudo ao possibilitar que o aluno compreenda a língua para além de suas estruturas gramaticais. Isso significa que a tradução é, de fato, uma quinta habilidade no processo de estudo de uma língua estrangeira e que, acima de tudo, constitui uma atividade

real e significativa. E o segredo é mais simples do que parece: estabelecer um propósito ou *skopos* (VERMEER, 1986, p.8; NORD, 1991, p.24 e 1997, p.10) segundo as teorias tradutórias funcionalistas na vertente alemã. Desta forma, é possível trazer o jornalismo para esta proposta e pensar um conceito de tradução (e texto) mais amplo, ou seja, uma tradução que sai do texto e parte do fato noticioso, cuja recepção é instanciada por fatores culturais, perspectivas de mundo e experiências de vida e de leitura dos receptores (Nord, 1991). É nesse contexto que situamos a interface tradução–jornalismo.

3. Correlacionando tradução e jornalismo

Ao longo da história da tradução (DELISLE e WOODSWORTH, 1998) a concepção mais comumente aceita (entre leitores e também pesquisadores) é a da transposição de um texto dito original (TF) escrito em uma determinada língua, para outra língua qualquer, de modo que os destinatários tenham acesso às suas informações. Desta concepção é possível deduzir algumas regras, tais como a necessidade, quase arbitrária, da existência de um texto para que a tradução co-exista, ou seja, a concepção de tradução como transposição (conversão, passagem, transcrição, transferência, reescrita, interpretação entre outros sinônimos) de idéias que implica um código lingüístico a ser dominado para o processo surta efeito e o texto se faça compreender em outra língua. Estes cânones não são compatíveis com a atual tendência interdisciplinar, devendo ser revistos para se compreender não apenas os paralelos entre tradução e jornalismo como também o conceito de tradução como representação cultural (ZIPSER, 2002).

A interface tradução-jornalismo parte de uma noção ampliada de texto que parte do fato noticioso (re)traduzido para diferentes culturas, conforme interesses locais por determinadas temáticas (critérios de noticiabilidade) e o próprio *modus operandi* do jornalismo (ESSER, 1998), cuja sistematização atua de forma distinta de acordo com o país em questão. O “11 de Setembro”, por exemplo, devido a sua repercussão mundial em 2001, gerou reações e leituras distintas em diversos países (POLCHLOPEK, 2005) de modo semelhante ao que aconteceu com o caso dos mineiros soterrados no Chile ou a Copa do Mundo recentemente. Isto significa dizer que o fato denominado “11 de Setembro” foi culturalmente representado, ou seja, culturalmente traduzido em diversos países gerando

abordagens e enfoques distintos dependendo da relevância para o leitor e da atuação da mídia nestes contextos. Esta representação cultural se dá através de marcas da cultura destinatária empregadas nos textos para aproximar o fato do leitor, especialmente se sua região é geográfica e culturalmente distante do contexto-referente. Longe das discussões acerca de domesticação ou estrangeirização (fora do escopo deste artigo), estas marcas permitem que o leitor construa sentidos a partir das novas informações recebidas, para além da simples decodificação da língua. Esta constatação se explica pelo fato de que, em abordagem funcionalista, o leitor é sempre prospectivo, pensado a frente do fazer tradutório e jornalístico; afinal, o leitor é o responsável por realizar a função do texto e atribuir sentidos para a sua leitura, através dessas marcas culturais. Esta é uma das competências que se busca desenvolver nos alunos com os exercícios propostos. Convém esclarecer, no entanto, que os textos de chegada nem sempre são traduções diretas (porque elas podem existir) dos textos-referentes, mas constituem representações suas específicas em cada cultura para a qual são destinados.

Sendo assim, num primeiro momento, a tradução jornalística causa estranheza, visto que seus elementos de aproximação nem sempre são tão facilmente percebidos; porém, através da ótica das ciências da comunicação, jornalismo e tradução apresentam muitos pontos em comum, sendo que o primeiro e o mais visível deles é a própria linguagem. Mayra Rodrigues Gomes (2000, p.19) afirma ser o jornalismo um fato de língua, conceito este também aplicável à tradução, afinal a língua em todas as suas nuances de valor, sentido, equivalência e pensamento é ferramenta de trabalho de tradutores e jornalistas, ambos voltados a uma sistematização que parte da análise do contexto situacional para o modo de articular o discurso em favor de um leitor final que é o fim do processo de produção textual.

4. A prática de tradução com textos jornalísticos em sala de aula

A prática da tradução jornalística segue um princípio básico do funcionalismo: são textos comunicativos autênticos e tem se mostrado como uma experiência significativa para os alunos não só com relação à tradução, mas também com o espaço de reflexão política, histórica, cultural e social que se abre a partir do exercício de análise e comparação entre fatos e textos.

Para ilustrar essa proposta, o texto escolhido foi assumidamente traduzido pelo portal UOL de notícias a partir de uma reportagem publicada no *The New York Times* (NYT) em 06 de agosto de 2010. Devido à extensão dos textos, optou-se por não inseri-los como anexo, mas apenas apontar o link de onde podem ser acessados via internet. O título “Sorry Kid: No Licence, No Lemonade” é assinado pelo jornalista John Schwartz através do link: <http://www.nytimes.com/2010/08/07/us/07lemonade.html?_r=1&scp=1&sq=seven%20year%20old%20girl%20sells%20lemonade&st=cse>. O assunto refere-se a uma menina de 7 anos impedida de vender limonada numa feira em Portland, estado do Oregon no noroeste americano. Como esta é uma tradição entre crianças norte-americanas, o caso ganhou repercussão nacional quando fiscais da vigilância sanitária tentaram multar a menina por ela não ter licença para a venda da limonada em sua barraquinha. O enfoque volta-se a esta tradição que faz parte da cultura norte-americana, enfatiza a repercussão do fato na internet e mostra o cuidado da mãe com a menina ao tentar protegê-la de toda essa movimentação.

Já a reportagem em língua materna foi publicada quatro dias depois em 10 de agosto de 2010, via BBC Brasil, o que sugere que o caminho pelo qual o texto passou não foi linear, isto é, não seguiu do contexto onde se originou direto para o portal de notícias, mas sim passou pelo crivo de jornalistas para só então ser divulgado no portal. O título foi traduzido da seguinte maneira: “Menina de 7 anos paga férias na Disney vendendo limonada nos EUA”: <<http://noticias.uol.com.br/bbc/2010/08/10/menina-de-7-anos-paga-ferias-na-disney-endendo-limonada-nos-eua.jhtm>> e, apesar de se tratar de uma temática distante da cultura brasileira, foi relevante para cerca de 300 pessoas que recomendaram a reportagem.

O texto enfatiza a questão numérica ou financeira com o cuidado de colocar em reais, os valores mencionados em dólares. A repercussão do caso na internet que, no NYT toma um parágrafo inteiro, no UOL é apenas uma linha. E, enquanto o NYT não menciona a quantia nem o destino da arrecadação, o UOL enfatiza a decisão da viagem a Disney com a mãe que, nesta tradução, assume a postura do incentivo a uma experiência diferente para a filha. Não se faz menção a profissão da mãe e nem ao local onde ela mora com a menina: a casa de uma tia no subúrbio implicando uma condição social não abastada e no provável fato de ser mãe solteira. Essas informações devem ser, primeiramente, compreendidas pelo professor para só então serem discutidas com a turma e passo a passo.

A primeira atividade refere-se a leitura de um texto referente na língua em estudo; anotação de palavras-chave; retextualização do fato a partir das palavras-chave em língua materna e posterior comparação das traduções dos alunos com o texto assumidamente traduzido. O primeiro passo é o cuidado do professor com a seleção do texto, considerando uma temática que possa suscitar discussões e que seja de interesse coletivo. O segundo passo é começar a análise observando o layout do texto, disposição do título, fotos (se houver), data e meio de publicação, quem são os prováveis leitores e se o texto é ou não assinado. Caso não seja, este pode ser um indício de que o fato já foi re-textualizado via agências de notícias antes de chegar ao veículo selecionado, o que influi diretamente na estrutura do conteúdo e no viés que orienta a recepção do leitor. Estes fatores conduzem a análise da intenção do emissor e da função do texto-referente. Todos estes itens reconstruem para o aluno o contexto de produção do texto.

Na sequência, analisa-se o título, cuja função básica é a de resumir o conteúdo do texto e atrair a atenção e a curiosidade do leitor. Sem isso, a reportagem não é acessada. A importância do título é tal que, muitas vezes, o leitor mais apressado confere a ele uma função extra e inconsciente: a de narrar os fatos, visto que muitas vezes os leitores em meio digital, especialmente, leem apenas os títulos para se colocarem a par dos acontecimentos recentes. Esta análise também tem a função de motivar a leitura, pois é elemento revelador da temática maior do texto e pode auxiliar os alunos quanto a pressuposição (suas expectativas) sobre os conteúdos que constituem o texto. Assim, em duplas (ou no máximo trios) os alunos fazem uma rápida leitura da reportagem anotando palavras que considerem chave, isto é, importantes para o assunto do texto. Vale ressaltar a diferença informacional oferecida pelos títulos: enquanto um apresenta o que pode ser parte da fala de um dos fiscais o outro informa a idade da menina e o feito inusitado de pagar a viagem para um destino que as crianças adoram com o dinheiro da venda de limonada, instigando a curiosidade para descobrir como ela fez isso e quantas limonadas teve que vender para tanto.

Ao longo deste processo, as possíveis dúvidas de vocabulário podem ser sanadas em conjunto no quadro, mas com a devida atenção para que a leitura não se torne um exercício de decodificação lexical, pois este não é o objetivo final. Portanto, os alunos devem ser incentivados a não se prender nas palavras desconhecidas e tentar ao máximo deduzi-las pelo contexto.

A partir das palavras selecionadas, os alunos reescrevem o texto referente em língua materna, atuando como tradutores-jornalistas e, em seguida a apresentação dos novos textos ou das novas traduções do fato, os alunos procedem a análise do texto assumidamente traduzido e publicado em jornal de língua materna, conforme fizeram para o texto referente. Nesta análise, eles também devem considerar suas expectativas relativas ao conteúdo abordado pelo texto de chegada e a estrutura de sua apresentação. Só então procedem a leitura deste texto, em dupla, anotando ou marcando no próprio texto diferenças entre as informações apresentadas no TF e no TT. Estas diferenças incluem informações omitidas e/ou adicionadas entre um e outro; elementos específicos da cultura-fonte, isto é, da língua estrangeira e também da cultura de chegada ou língua materna; conteúdos que são mais enfatizados ou menos comentados; ordem de apresentação, etc. E é importante deixar claro que quaisquer diferenças encontradas tem uma razão: o leitor final que é quem determina o propósito de o texto ter sido escrito daquela maneira e naquele veículo de informação.

Considerações finais

Enquanto característica evolutiva, a linguagem foi o fator decisivo para nos diferenciar das outras espécies para desenvolvermos a capacidade de criar, organizar e nomear símbolos e significados. Portanto, ao traduzir não superamos apenas barreiras lingüísticas, mas também barreiras culturais, temporais, geográficas, barreiras de identidades entre emissor (tradutor, iniciador, autor) e destinatário num caminho que está longe de ser linear. Afinal, se o fosse, bastaria, de fato, o domínio da língua em estudo para buscar formas equivalentes em outros sistemas linguísticos. No entanto, isto não se verifica e confirma o caráter dinâmico das línguas e sua indissociação das culturas que as complementam, marcando o que Azenha (1999, p.30) chama de uma “reação embrionária” que se retroalimenta de forma constante.

Porém, se algumas línguas de fato representam obstáculos é preciso, então, ultrapassá-los por meio de estudos mais pontuais sobre traços específicos que carregam consigo e que envolvem pensamentos, experiências de vida, de leitura, posturas e atitudes comuns ao grupo onde o texto referente é produzido e para o qual a tradução se dirige. É esta a relação que os define frente a outros grupos sociais. Superar estas barreiras significa poder empregar a linguagem no seu sentido maior de interação e integração entre os falantes de línguas diversas, aproximando ou afastando culturas distintas. Por essa razão, a prática linguística em

tradução jamais deve ser pensada como uma transcodificação isenta, isto é, a transferência literal de sentidos e signos, justamente porque historicidades, marcas pessoais e visões de mundo específicas são inerentes a toda e qualquer língua.

Abordando o texto nesta sistemática, do maior (contexto situacional) para o menor (contexto informacional) torna-se mais fácil para o aluno compreender o emprego de estruturas sintáticas e elementos lexicais que assumem um segundo plano. Isto significa dizer que em momento algum a leitura deve ser realizada com a finalidade de decifrar códigos, treinar pronúncia e/ou fluência na língua em estudo (NORD, 1991, p.140), visto que a análise, a reflexão e a compreensão dessas abordagens são os pontos principais do trabalho com a tradução de textos jornalísticos. Dessa maneira, as implicações pedagógicas resultantes do ensino da tradução centram-se: i) numa maior consciência dos alunos sobre o processo de leitura, ampliando sua visão para além dos limites do texto e do código linguístico; ii) na melhoria do próprio processo de escrita em língua materna ao compreender que textos são escritos visando uma intenção, uma função, um efeito sobre um leitor final que nem sempre termina no professor e/ou na banca de avaliação de monografias; iii) no desenvolvimento de competências adicionais para o aprendizado da língua, tais como a competência (inter)cultural, incluindo processos sociais e políticos e a competência técnica no que se refere a pesquisa para o entendimento do TF e escrita do TT, além do uso adequado de dicionários.

É preciso entender a língua como interação dialógica (BAKHITN, 2002) e o texto como uma situação de comunicação, uma prática social (ROTTAVA, 1999). Por essa razão, o papel da atividade de tradução deve ser repensado como uma atividade autônoma em sala de aula; portanto, sem a necessidade de estar envolvida com questões do aprendizado e/ou aquisição propriamente ditas da língua em estudo. A atividade tradutória é uma tarefa independente, uma habilidade a mais que, somada as quatro outras amplia o conhecimento da LE para o aluno, possibilitando pensar e visualizar a língua de maneiras mais enriquecedoras.

Referências

- ATKINSON, David. *Teaching Monolingual Classes*. London: Longman, 1993.
AZENHA Jr., João. *Tradução Técnica e Condicionantes Culturais: Primeiros Passos para um Estudo Integrado*. FFLCH/USP: Humanitas, 1999.
BAHKTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

- CERVO, Irène Zohra Séréro. *Tradução e ensino de línguas*. Dissertação apresentada ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2003.
- CESTARO, Selma Alas Martins. O Ensino de Língua Estrangeira: História e Metodologia. *Revista Videtur*, vol. 6. São Paulo: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/USP; 1999. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/videtur6/selma.htm>
- CHECCHIA, R. L. T. *O retorno do que nunca foi: O papel da tradução no ensino do inglês como língua estrangeira*. Dissertação apresentada ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2002.
- COSTA, Walter Carlos. Tradução e ensino de línguas. In: BOHN H. Inácio, Vandresen, P. *Tópicos de Lingüística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.
- DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. *Os Tradutores na História*. São Paulo: Ática, 1998. Tradução de Sérgio Bath.
- ESSER, Frank. *Die Kräfte hinter den Schlagzeilen: Englischer und deutscher Journalismus im Vergleich*. München: Verlag Karl Albert, GmbH. Freiburg, 1998.
- GOMES, Mayra Rodrigues. *Jornalismo e Ciências da Linguagem*. São Paulo: Hacker Editores, Edusp, 2000.
- HINOJOSA, Fedra Rodrigues e LIMA, Ronaldo. A tradução como estratégia de interculturalidade no ensino de língua estrangeira. *BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, v. 1, p. 1-10, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/lima-hinojosa-traducao-estrategia-interculturalidade.pdf> <http://www.inventario.ufba.br/05/05sromanelli.htm>
- LADO, Robert. *Language Teaching: A scientific approach*. New York: McGraw-hill, Inc., 1964.
- LUCINDO, Emy Soares. Tradução e ensino de línguas estrangeiras. *Scientia Traductionis*, v. 1, p. 3, 2006. Disponível em: <http://www.scientiattraductionis.ufsc.br/ensino.pdf>.
- MALMKJAER, Kirsten. *Translation and Language Teaching: language teaching and translation*. Great Britain, UK: St. Jerome Publishing, 1998.
- NORD, Christiane. *Text Analysis in Translation*. Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi, 1991. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow.
- _____. *Functionalist Approaches Explained*. Manchester, UK: St Jerome Publishing, 1997.
- POLCHLOPEK, Silvana. *A Interface Tradução-Jornalismo - Um Estudo dos Condicionantes Culturais e de Verbos Auxiliares Modais em Textos Comparáveis das Revistas Veja e Time*. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC, 2005.
- POPOVIC, Radmila. The Place of Translation in Language Teaching. *Bridges*, Issue 5, January 2001, p.3-8.
- ROMANELLI, Sérgio. Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão. *Revista Inventário*. 5. ed., fmar/2006. Disponível em:
- ROTTAVA, Lucia. A perspectiva dialógica na construção de sentidos em leitura e escrita. *Linguagem e Ensino*, vol. 2, n.2, jul. 1999, p.145-160. Disponível em: http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v2n2/G_rottawa.pdf
- SOBRAL, Adail. *Dizer o mesmo aos outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.
- SOUZA, José Pinheiro de. Tradução e ensino de línguas. *Revista do Gelne*, Ano 1, vol.1, 1999, p. 141 a 151. Disponível em: http://www.gelne.ufc.br/revista_ano1_no1_27.pdf
- VERMER, Hans. *Skopos und Translationsauftrag*. Heidelberg: Institute für Übertsetzen und Dolmeschen, Universität Heidelberg, 1986.

POLCHLOPEK, S. Traduzindo textos jornalísticos – revendo o papel da tradução em sala de aula de língua estrangeira. Anais do 1º Simpósio de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Tuiuti do Paraná. Eletras, vol. 20, n.20, dez.2010.
www.utp.br/eletras

ZIPSER, Meta Elisabeth; FRENKEL, Eleonora; POLCHLOPEK, Silvana. *Estudos da Tradução II*. Curso de licenciatura de letras espanhol na modalidade a distância. Florianópolis, SC: UFSC/CCE, 2009.